

## Invasões ao Campo da Educação

A identidade da profissão de educador implica na formação e atuação dele a partir da unidade e totalidade da ciência da educação, ciência da comunidade dos interessados em educação, que denominamos Pedagogia, como tal ciência do entendimento, da organização e da condução do trabalho educativo, na dimensão hermenêutica da leitura dos sentidos presentes nos processos da educação, na dimensão comunicativo-emancipatória da intencionalidade dos valores performativamente buscados e na dimensão praxeológica, ou instrumental, dos objetos e conteúdos dos saberes com que lida a educação. Não são as lógicas particulares das ciências fragmentadas ou de interesses outros que não os da educação que podem impor sua coerência à prática pedagógica.

Importa, por isso, denunciar as muitas invasões do campo educativo, atentatórias da dignidade e das responsabilidades solidárias dos educadores. Entre elas se faz mais insidiosa a ideologia da qualidade total que, injustificável no próprio campo da empresa capitalista, mera reação de defesa, revela-se de todo incompatível com um projeto educativo comprometido com a cidadania plena. Outra ameaça à cidadela da educação é o totalizante processo da globalização à medida que ignora suas raízes plantadas nos particulares cenários da vida humana em sociedade e tenta, no caso da escola, obscurecer a criatividade e os ímpetus renovadores da atuação educativa conduzida por lúcido projeto político-pedagógico.

A educação brasileira se tem em demasia preocupado com o atendimento das demandas do mercado de trabalho, quando, na realidade, o que importa é, na atenção às necessidades sociais emergentes, impulsionar o desenvolvimento de novos campos de trabalho, competindo aos egressos da escola levar vida nova e ampliar os horizontes de vida em suas comunidades.

A educação em direitos humanos, sem dúvida uma conquista dos novos tempos, se tem convertido, no entanto, em preparação à obediência servil, ao conduzir-se apenas nos estritos limites de um discurso modernizador, como é o caso do Chile, ou ao acentuar, como na escola primária mexicana, os deveres da população para com o Estado, em lugar dos deveres do Estado para com a população. E, no combate às desigualdades sociais, que não são fatos naturais mas uma construção social, os parâmetros socialmente adotados sobre a posse dos bens materiais e simbólicos fazem da pobreza uma condição inamovível do ser, não do estar: mensagem que certamente não é a de uma educação para a emancipação de todos os homens em tudo.

Por último, mas não a menos grave dessas invasões, se deve denunciar as intromissões externas na autonomia da escola, desde a nomeação de diretores impostos à revelia da escola, aos supervisores e orientadores alheios ao corpo docente, aos exames e provas elaboradas fora da escola, aos provões contra que se insurgem os alunos. São todos atentados à autonomia da escola e à dignidade e competências dos educadores, no momento mesmo que contraditoriamente se apregoam as virtudes da livre concorrência. Coisa esquisita esse tal de neoliberalismo!

Ijuí, junho de 2001

*Mario Osorio Marques*  
Editor